

## GENTE DA CIDADE

### Abraão Palatnick, pintor-inventor

ABRAÃO PALATNICK nasceu em Natal, Rio Grande do Norte e foi para a Palestina, terra de seus pais, com quatro anos de idade. Aos nove, veio ao Brasil e voltou para Tel-Aviv onde fez todos os seus estudos, diplomando-se em Engenharia Mecânica. Aos dezoito anos, sem saber português, veio para morar no Rio e aqui está, casado e pai de um menino. Mas ao se despedir dos colegas de escola (quatro dos quais chegaram) fez com eles um contrato estranho e otimista: no ano 2.000, deverão encontrar-se na avenida Rotshild na capital da Palestina. Abraão começou a pintar muito cedo e com absoluto sucesso de venda. Fazia uns quadros acadêmicos e os guardava, desconfiado. Um dia aparece-lhe uma compradora de quadros e propõe negócio. O menino, por timidez (e argúcia) disse que o autor dos quadros era um tio seu, da Austrália, ia consultá-lo. O "tio" consentiu na venda e durante um ano, de mês em mês, Abraão surgia na loja da compradora com novos quadros. Até que descobriu a pintura moderna e tomou horror às naturezas-mortas acadêmicas. Foi à compradora e anunciou que o seu tio australiano mudara de estilo, o que ela até hoje deve lamentar. Aqui no Rio, já pintor abstrato, começou a querer casar as suas qualidades de artista às habilidades de inventor, criando assim a primeira máquina-de-pintura (aparelho crono-cromático) que foi exposta com sucesso na primeira Bienal de São Paulo e fez um jovem pintor chorar no ombro de Segall, dizendo entre salúços: "Segall, a pintura morreu!" E Abraão está de acordo com isso, sem o choro, porém: crê que a pintura morreu para que a arte se integre na totalidade da vida social. Até hoje construiu sete aparelhos crono-cromáticos, sendo que três foram, depois, desmanchados. Além desses aparelhos, inventou a máquina de encher vidros com pó acrílico, um caleidoscópio automático a que deu o nome de caleidovisão, a máquina de quebrar côcobaçu sem ferir a amêndoa, um encosto para sentar na praia e planejou e construiu máquinas de cortar madeira para fabricação de móveis, capazes de substituir várias máquinas convencionais com grande proveito. Essas máquinas são empregadas na fabricação dos móveis que Abraão desenha, constrói e vende em sua loja de Copacabana. Mas a máquina mais importante, diz ele, é a que está tentando inventar agora: máquina de matar pulgas sem precisar persegui-las. Tenho que inventar já essa máquina, acrescenta o engenheiro-pintor, porque não agüento mais.

### CONCURSO DE TRADUÇÕES

Perto de duzentos concorrentes nos enviaram traduções do soneto "El niño solo", de Gabriela Mistral, na expectativa de ganhar os livros e vinhos chilenos que prometemos, ao instituir o concurso. A comissão julgadora, altamente credenciada, já está trabalhando e, dentro de algumas poucas semanas, poderemos apresentar o resultado. Os juízes são Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Onestaldo de Pennafort. Apesar de assobrados por suas tarefas profissionais, neste fim de ano, os julgadores — nomes que, mais do que os prêmios, valorizam a láurea prometida — esperam concluir brevemente a sua missão.

## "Society"

### Ibrahim Sued recebe Dorothy Dandridge

Foi realmente uma grande surpresa para mim, quando do outro lado da linha do telefone internacional (Hollywood), a minha amiga Dorothy Dandridge me disse: — "Aceito"! — Eu telefonei-lhe para convidá-la, para, à moda de Hollywood, vir assistir em carne e osso a "avant-première" de seu filme "Carmen Jones", que foi exibido pela primeira vez na América do Sul, em benefício da campanha de recuperação do menor abandonado, promovida pelo "O Globo" e "Rádio Globo". E a elegante Doty não hesitou em fazer uma viagem relâmpago, chegando ao Rio segunda-feira, pela Pan American, e regressando 4 dias após.

A primeira exibição de seu filme foi como em Hollywood. Após a exibição, ela subiu ao palco, recebeu "corbeilles" de flôres e agradeceu os aplausos. Foi mais uma iniciativa vitoriosa desta coluna. Também aconteceram em sua homenagem vários encontros sociais. O embaixador de Hollywood no Brasil, sr. Harry Stone, ofereceu-lhe um "party" com a presença da imprensa e sobretudo dessa figura "very Kar" que é o nosso presidente Herbert Moses. À noite, os Marinho (Roberto e Estela) abriram os salões de sua maravilhosa residência de Cosme Velho para uma pequena recepção com a presença de figuras do nosso "society" e astros do cinema nacional — Anselmo Duarte; Cyl Farney; Fada Santoro; Tônia Carrero; Paulo Autran e o produtor Fernando de Barros. — Foi um encontro muito "Kar" da sociedade com gente de



A convidada desta coluna recebe flôres do sr. Oscar Olstein do Copacabana Palace, quando era recebida no aeroporto pelo colunista.



"Carmen Jones" veio cooperar na campanha de recuperação do menor abandonado.

cinema. O jovem pianista Luisinho Eça, presente à noitada deu uma mostra de sua arte. E também presente, o conhecido artista americano Ralph Du Casse, que veio ao Brasil para receber seu prêmio da Terceira Bienal.

A sua última noite no Rio aconteceu com um jantar que lhe ofereci no "Mid-Night", do Copa, quando Jean Sablon estreava. Era o dia de seu aniversário. Presentes ao "petit-comité" sr. e sra. Jorge Guinle; sr. e sra. Alvaro Catão; sra. Dana Mendonça; e sr. Harry Stone. Foi uma pequena homenagem que esta coluna prestou à sua convidada, que estava de "happy-birthday". Bolinhos de velas, champanhota e tudo, e também muitos aplausos para o francês Jean Sablon, que continua em forma.

Outra noite de Dorothy no Rio foi no "Snack-Bar", do Country Club. Bené Nunes ao piano, tocando. E a famosa figura da Meca do cinema teve um contato íntimo com a sra. Lucilia Osvaldo Cruz; sr. Paulo Sampaio; sr. e sra. Roberto Marinho Azevedo Filho; sr. Vicente Galliez; sr. Claudio Silveira; sr. e sra. Humberto Tavares e outras figuras que circulam no clube mais fechado do Brasil.

Na quinta-feira, Doty regressou. Feliz de ter revisto o Brasil e de ter participado de uma noite de caridade em benefício do menor abandonado. E esta coluna, mais uma vez, sente-se decididamente muito "Kar" por ter visto outra iniciativa sua, vitoriosa em benefício do menor desamparado e ao mesmo tempo ter concorrido para o turismo do Rio de Janeiro, com uma visita que repercutiu no exterior, revertendo assim em publicidade para a nossa cidade.